

“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO ESTUDANTE-TRABALHADOR

Patricia Horta (UERJ / IFSP)¹

Resumo: O presente trabalho relata e analisa uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina de Sociologia para o Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho (SP). A partir do tema “Trabalho” e da análise do poema “O operário em construção”, de Vinicius de Moraes, os estudantes foram estimulados a produzir seus próprios textos poéticos, de forma a exprimir criticamente, em linguagem estética, as vivências dos trabalhadores na sociedade contemporânea. A experiência resultou em textos poéticos autobiográficos, que colaboraram com a compreensão dos conceitos estudados e promoveram a reflexão sobre o *eu trabalhador*.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia; ensino de Literatura; escritas de si; Educação de Jovens e Adultos; Trabalho.

A proposta

A Educação de Jovens e Adultos - EJA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, *Campus Sertãozinho*, é caracterizada pela formação integrada entre os ensinos médio e profissionalizante, somando-se às disciplinas de formação geral aquelas das áreas específicas do curso ofertado, o técnico em Mecânica. Nesse curso, havia em 2015 uma aula semanal de sociologia para cada série, sendo abordado o tema “Trabalho” no último bimestre do 1º ano, que contava com cerca de vinte alunos, em sua maioria homens entre vinte e trinta e cinco anos, que trabalhavam ou buscavam emprego durante o dia, e faziam o curso à noite, durante três anos.

Na Escola Estadual Profª. Maria Conceição Rodrigues Silva Magon, localizada também em Sertãozinho, a modalidade da Educação de Jovens e Adultos é o supletivo, com duração de um semestre para cada série escolar, dos ensinos fundamental II e médio. No 1º ano do ensino médio, a disciplina de sociologia conta com duas aulas semanais, sendo estudado o tema “Trabalho” no último bimestre, em uma turma que em

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professora de Letras no Instituto Federal de São Paulo. Contato: patriciavirtual@gmail.com; patricia@ifsp.edu.br. Texto e apresentação elaborados em parceria com Livia Bocalon Pires de Moraes: Mestre em Ciências Sociais pela Unesp; Professora de Sociologia na E.E, Maria Conceição Rodrigues Silva Magon. Contato: libocalon@hotmail.com.

2017 tinha cerca de trinta alunos, em sua maioria trabalhadores remunerados com mais de 30 anos, de ambos os sexos, que cursavam o período noturno, durante dezoito meses.

Nas duas turmas, como fechamento do tem – em que foram estudados os conceitos de trabalho, modos de produção, divisão do trabalho, mercadoria, classe social, alienação, mais-valia, fetichismo, luta de classes, emprego, desemprego e subemprego – foi feita a leitura coletiva e a interpretação do poema “O operário em construção”, de Vinícius de Moraes. No poema, evidenciam-se, em linguagem poética, as discussões teóricas feitas na disciplina, proporcionando aos alunos a oportunidade de voltar a refletir sobre o tema e retomar as reflexões realizadas, e, ao mesmo tempo, de incorporar novos sentidos a elas, sobretudo através da identificação de si mesmos, assim como de familiares e amigos, com o operário da história.

Com o intuito de aprofundar o contato com a linguagem poética e o diálogo entre esta e a sociologia, bem como de promover um processo de raciocínio e produção autônoma pelos alunos, utilizando um recurso diverso da análise científica em forma de texto dissertativo, propôs-se que cada um deles elaborasse, com base no poema e nas reflexões feitas em aula sobre o tema, um texto poético, que exprimisse criticamente as vivências dos trabalhadores na sociedade contemporânea.

Com o auxílio da professora, cada aluno estabeleceu os encadeamentos entre o conteúdo visto na disciplina e o poema interpretado, e foi construindo de forma independente sua própria narrativa, por vezes enfrentando muitas dificuldades, provenientes da falta de experiência em expressar-se na linguagem poética. Como demonstra a análise que se segue, para a qual foram selecionadas as produções mais emblemáticas da atividade, os estudantes apropriaram-se, nesse exercício, de suas práticas cotidianas de trabalho, resignificando sua profissão, rotina, e relações sociais que permeiam tais atividades, e fizeram-no também em relação à própria proposta de escrita, declarando por vezes: “Olha professora, sou um poeta! Você vai ler minha poesia para os alunos quando for dar esse trabalho ano que vem?”

Sociologia e Literatura na EJA

O Ensino Médio, etapa final da educação básica, pode ser entendido como uma passagem crucial na formação do indivíduo, cabendo a este momento formativo

promover o aprimoramento do educando como ser humano por meio de sua formação ética, do desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (BRASIL, 1996). Concerne ao Ensino Médio, também, a orientação básica para a integração dos estudantes ao mundo do trabalho, por meio das competências que garantam seu aprimoramento profissional e possibilitem que acompanhem as mudanças características da produção contemporânea (BRASIL, 2002).

Esta etapa de ensino, entretanto, assume peculiaridades quando exercida na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendendo àqueles que, por diversas razões, não puderam concluir os estudos na época adequada. Resgatando um direito constitucional historicamente negado a esta população cultural e socialmente distinta, a EJA se particulariza, entre outros atributos, pela trajetória emblemática de seu público em relação à atividade produtiva, muitas vezes diretamente responsável pelo abandono dos estudos quando em idade escolar (ROCHA, 2012).

Com vistas a esse resgate, a disciplina de Sociologia promove a desconstrução de modos de pensar arraigados, relativos a sociedades, classes ou grupos sociais, mantidos ao longo da vida pelos estudantes, sem reflexão crítica. Realiza a desnaturalização de concepções prévias, sustentadas em argumentos que perdem de vista a historicidade dos fenômenos sociais, e que ignoram a importância de interesses subjetivos e humanos para a construção do contexto social, e contribui para que o aluno empreenda o estranhamento de sua realidade próxima, tornando o trivial e o “normal” objetos de estudo científico, problematizando-os. Colabora com a descoberta, pelo estudante, de que participa de uma rede de relações, cujo sentido se renova, conforme desenvolve uma nova postura cognitiva (BRASIL, 2006).

Na abordagem por temas, a disciplina parte da dimensão empírica, e recorre a teorias sociológicas e aos conceitos inerentes a elas, para contemplar os aspectos explicativos e discursivos de seu ensino. Ao tratar do tema “Trabalho”, aborda os fundamentos econômicos da sociedade; os modos de produção; a mercadoria; o capital; a exploração e o lucro; a alienação do trabalhador; as desigualdades sociais; as classes sociais; o emprego e o desemprego, entre outros conteúdos (BRASIL, 2002).

Assim como o ensino de Sociologia, o ensino de Literatura no Ensino Médio está relacionado ao aprimoramento do educando, ao desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico (BRASIL, 2006). As Orientações Curriculares Nacionais (OCNs) para essa etapa da Educação Básica compreendem que o ensino de arte, em especial de literatura:

...rompe com a hegemonia do trabalho alienado (aquele que é executado pelo trabalhador sem nele ver outra finalidade senão proporcionar o lucro ao dono dos modos de produção), do trabalho-dor. Nesse mundo dominado pela mercadoria, colocam-se as artes (...) como meio de educação da sensibilidade; como meio de atingir um conhecimento tão importante quanto o científico – embora se faça por outros caminhos; como meio de pôr em questão (fazendo-se crítica, pois) o que parece ser ocorrência/decorrência natural; como meio de transcender o simplesmente dado, mediante o gozo da liberdade que só a fruição estética permite; como meio de acesso a um conhecimento que objetivamente não se pode mensurar; como meio, sobretudo, de humanização do homem coisificado (...)” (BRASIL, 2006).

Muito embora as OCNs, no que concerne ao ensino de Literatura, preocupem-se exclusivamente com a formação do leitor, deixando de lado uma possível abordagem da formação do escritor, podemos ampliar esse sentido de ensino de Literatura, considerando também a produção textual de intenção literária dos estudantes.

Por meio do trabalho pedagógico com os conceitos de trabalho e com a produção artístico-literária, o aluno da EJA pode compreender-se enquanto trabalhador a partir de novos referenciais, analisando sociológica e artisticamente sua história de vida, e concebendo-se como ser social, que mutuamente influencia e é influenciado pelo contexto histórico, econômico e social de que faz parte. Nesse processo, ressignifica as próprias vivências, tornando-se um agente construtor de seu conhecimento.

Escritas de si como *Zeitgeist* contemporâneo

Chama a atenção no resultado da atividade o fato de diversos estudantes terem optado por narrar aspectos de sua própria experiência para elaborar a reflexão sobre o poema “O operário em construção”. Pode-se inscrever essa escolha numa tendência geral da contemporaneidade ao discurso autobiográfico, revelado em uma proliferação

das escritas de si (KLINGER, 2012), como: autobiografias, autoficções, memórias, como também em manifestações não deliberadamente artísticas: perfis em redes sociais, *selfies*, atualizações de status (WhatsApp) ou de “história” (Facebook, Instagram, Snapchat).

Se a experiência midiática e tecnológica contemporânea, por um lado, suporta a “espetacularização do sujeito” pós-moderno (KLINGER, 2012), por outro e em condição de complementaridade, permite uma construção da própria subjetividade, democratizando o papel da autoria. Os papéis bem definidos de autor e leitor, que vigoraram no século XIX e no início do século XX, resultantes de uma construção burguesa da posição do intelectual na sociedade, são cada vez mais diluídos diante de uma crescente “crise de representatividade” (KLINGER, 2012) e de uma apropriação por parte das massas dos recursos tecnológicos da autoexpressão.

Nesse contexto, Diana Klinger identifica as escritas de si na expressão ficcional contemporânea como um “clima da época”, um *Zeitgeist* (KLINGER, 2012. p. 19). Portanto, a escolha desses estudantes de interpretar o texto por meio de uma escrita de si corresponde a uma tendência geral de seu tempo, que permite que sujeitos historicamente excluídos possam ascender à posição de autores e, a partir desse espaço, desenvolver o pensamento crítico e reflexivo proposto na atividade.

A escrita de si como processo de construção da subjetividade do eu-trabalhador

O que está em foco na abordagem dos textos produzidos pelos estudantes é a produção de sentido por meio da escrita de si, isto é, a expressão de sua compreensão dos conceitos em desenvolvimento no trabalho pedagógico por meio de uma construção imaginária do eu trabalhador.

Essa construção é, necessariamente, tida por ficcional, uma vez que, na escritura autobiográfica, “não existe coincidência entre a experiência vivencial e a ‘totalidade artística’” (ARFUCH, 2010. p. 55). A escritura autobiográfica é pautada num relato indecível entre a verdade (auto)referencial e a construção imaginária de si. Assim, a análise do texto biográfico deve levar em consideração o resultado desse movimento oscilante entre a escolha estética de determinados referentes e a criação ficcional.

Portanto, nas análises dos poemas do *corpus* deste trabalho, não importa a verdade dos fatos, mas as estratégias de autorrepresentação. Das várias estratégias reconhecidas, duas direcionam nosso interesse, por melhor representarem essa oscilação entre referente e ficção, típica da escrita autobiográfica: a de elaboração da identidade (de cunho referencial) e a da construção do eu (de cunho ficcional).

Na elaboração de sua identidade como eu trabalhador, os estudantes utilizaram diversos elementos de origem referencial que são modelares na identificação da pessoa trabalhadora. Nesse sentido, destaca-se a ideia de levantar-se cedo e suas metáforas, como o café e o galo: POEMA 1 - “Antes do sol nascer / já estou eu e minha esposa / Maria prepara o café e já faz a mesa”; POEMA 2 - “O cheirinho de café / Me desperta” ; POEMA 3 - “Eu levanto cedo e vou trabalhar”; POEMA 4 - “O galo canta é hora de levantar”; POEMA 5 - “Disposição de quem acorda cedo”.

De maneira geral, os poemas analisados estruturam-se na forma narrativa, representando um dia de trabalho. Por isso, as referências ao acordar cedo encontram-se na abertura de quase todos os poemas. Na sequência, os autores lançam mão de outros elementos identitários, como a vestimenta de trabalho: POEMA 1 - “Ponho meu chapéu e minha calça jeans / E a bota que me acompanha há anos”; POEMA 3 - “Coloco uma velha calça jeans / Um calçado bico de ferro / E um uniforme que não pode faltar”. Também o instrumento de trabalho tem função identitária, como: POEMA 1 - “E monto no trator”; POEMA 4 - “E saí com o caminhão meio com pressa”.

Em alguns poemas, a profissão é nomeada e gera a criação de um campo semântico igualmente utilizado no processo de construção identitária. No POEMA 1, por exemplo, a profissão de fazendeiro é nomeada no título e justifica as atividades: “Corto capim pros animais / Tiro leite das vacas / Trato do gado”. Já no POEMA 3, a profissão de manicure está relacionada a atividades que vão sustentar a argumentação de sua construção subjetiva, pois estão para além da descrição do trabalho dessa profissão: “A gente fala de tudo / da vida dela / da minha vida”. O POEMA 6, que se estrutura como uma trajetória de vida, nomeia profissões vivenciadas, por um lado, e desejadas, por outro, constituindo uma antítese entre passado e futuro, entre o ser que foi e o que se constrói no momento.

Esses elementos funcionam como recursos retóricos na construção de uma imagem de si e de uma narrativa de vida, que é sustentada pela dicotomia entre a vivência da exploração e uma dimensão ontológica do trabalho, presente em todo o corpus. O acordar cedo, o uniforme de trabalho, o uso do instrumento são elementos que implicam disposição para o trabalho e prazer do autorreconhecimento, mas também imposição e supressão da liberdade de escolha. Eles colaboram com o argumento central, que é a elaboração da subjetividade como trabalhador, e essa dicotomia implícita desdobra-se em dois níveis de construção: o da desilusão e o da resignificação.

O primeiro nível pode ser exemplificado com o POEMA 1, no qual o argumento central aparece na última estrofe: “Gosto da vida que levo / Levo a vida que gosto / Mas só de pensar / Que nada disso é meu / Fico triste e melancólico”. O poema é estruturado para criar uma representação da subjetividade que encontra no trabalho a sua autoconstrução e autorrealização. No entanto, os dois últimos versos, de forte efeito poético, realçam o não acesso ao produto de seu trabalho, que seria apropriado pelo dono da fazenda.

O POEMA 5 é estruturado em sentido inverso. A referência à exploração é inserida na primeira parte da narrativa (“O patrão nem sempre reconhece o esforço / Sempre cobrando, exigindo, nada tá bom”), entrando em contraste imediato com a disposição para trabalhar presente nos primeiros versos. A conclusão do poema é instigante: “Por isso, o importante para o trabalhador / É saber do seu valor, dentro do coração / Independente do que pensa o ingrato patrão”. A proposta é de construção de uma subjetividade de pensamento independente. Diante de uma realidade insuperável de exploração, o sujeito preserva seu estar no mundo e sua autorrealização pela consciência da importância de seu trabalho e, por extensão, da consciência de si.

Esses dois poemas compartilham a visão de que a exploração do trabalho é uma realidade tácita, que é impossível ou muito difícil de ser superada.

Outros poemas analisados, porém, propõem uma resignificação da relação com o trabalho. O POEMA 6, como mencionamos, é estruturado pelo contraste entre passado (subjetividade anterior de trabalhador explorado) e presente (subjetividade em

construção de trabalhador com dignidade). A exposição da exploração no poema já implica a determinação de superá-la, implícita na interrogação indicadora da tomada de consciência: “Mas certo dia pensei: Por que ser rejeitado, humilhado, explorado?” E a conclusão indica o processo de ressignificação dessa subjetividade por meio da mudança de profissão: “Penso até em fazer faculdade / Mudar minha realidade. / Talvez ser doutor, ator. / Melhor, educador”.

Já no POEMA 3, não há referência explícita à exploração do trabalho, uma vez que a relação entre a trabalhadora e suas clientes, elevadas ao patamar de amigas (“hoje eu fui trabalhar na casa da minha amiga”) é diferente da dos trabalhadores vinculados às empresas, de modo geral. Mas há um importante processo de ressignificação do papel do trabalhador, construído a partir da descrição das atividades realizadas ao longo do dia de trabalho narrado no poema: “A gente fala de tudo / da vida dela / da minha vida / fala da falta de emprego / do marido que bebe muito / da filha que não estuda”. São atividades que não estão diretamente relacionadas à profissão de manicure, nomeada no poema, mas são intrínsecas à vivência da trabalhadora representada. Após o argumento final (“ela [a cliente-amiga] estava triste porque tinha ficado doente / a gente falou muito e ela ficou bem), ocorre a aproximação em importância do trabalho operacional de manicure do trabalho especializado da psicóloga, operando-se, no plano do texto, uma suspensão da divisão do trabalho.

Dessa maneira, observamos que as escritas de si elaboradas nesses poemas passam pelo movimento de busca da compreensão de si e de seu trabalho no mundo, por meio da mobilização de elementos identitários, e culmina na consciência (mais ou menos explícita) da exploração. Mas o seu resultado é um processo de ressignificação da sua subjetividade, seja pela consciência do que lhe falta, seja na produção de um novo sentido para o seu ser no mundo.

Conclusão

Segundo o educador Dermeval Saviani: “(...) a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico” (SAVIANI, 2007, p. 154).

Essa compreensão explicita-se nas escritas de si poéticas construídas espontaneamente pelos estudantes, na escolha por utilizarem a atividade como forma de representação de suas vivências diárias, seus anseios, angústias, projetos e sonhos vinculados ao trabalho, manifesto enquanto relação de emprego. Por meio do recurso da poesia autobiográfica, estes trabalhadores-estudantes puderam refletir criticamente sobre suas relações de trabalho, colocando-se na qualidade de sujeitos da ação, destacando seus conhecimentos, habilidades e práticas como necessários e importantes, em um movimento de apropriação dos sentidos de seu trabalho, valorizando-o para além da dimensão econômica, e, conseqüentemente, afirmando seu valor como trabalhadores detentores de um saber.

Poemas

Poema 1

A esperança de um fazendeiro

Moro longe da cidade
Aqui é tudo tranquilo
Mas mesmo assim
não escapo do cansaço

Antes do sol nascer
Já estou eu e minha esposa
Maria prepara o café e já faz a mesa
Enquanto eu estou me preparando
Pra ir cuidar da fazenda

Ponho meu chapéu e minha calça jeans
E a bota que me acompanha há anos
E monto no trator

Saio pela fazenda
Corto capim pros animais
Tiro leite das vacas
Trato do gado

E assim de segunda a segunda
Faça chuva ou faça sol

Gosto da vida que levo
Levo a vida que gosto
Mas só de pensar

Que nada disso é meu
Fico triste e melancólico

Poema 2

O cheirinho de café
Me desperta
Um dia a mais,
Mil planos e
uma vontade constante
de descobrir ,
de explorar ,
de aprender.
Uma inquietude constante
procuro sempre pelo que perdi,
pelo que não fiz,
pelo que não encontrei
para aplacar essa sede que sinto
pelo que não experimentei.
Quero que o tempo passe devagar,
Tranquilo,
para dar tempo de aprender um pouco
dos vários assuntos
que compõem a minha curiosidade,
minha inquietude
e o dia vai passando
e eu
avidamente,
desesperadamente correndo atrás do tempo que
perdi...

Poema 3

O meu dia é bom

Eu levanto cedo e vou
trabalhar
eu gosto do meu trabalho
eu sou manicure, faço unhas
eu gosto muito.

A gente fala de tudo
da vida dela
da minha vida

fala da falta de emprego
do marido que bebe muito
da filha que não estuda

hoje eu fui trabalhar na casa da minha amiga
ela estava triste porque tinha ficado doente.
a gente falou muito e ela ficou bem.
Graças a Deus
deu tudo certo.
Acho que sou meio psicóloga também.

Poema 4

O galo canta é hora de levantar
O despertador travou e não para de tocar
É segundona de novo
Então começo a me arrumar.
Coloco uma velha calça jeans
Um calçado bico de ferro
E um uniforme que não pode faltar.
Bom, deixa eu ir então.
Chego no ambiente.
Passo meu dedo na máquina de registro.
E por ali mesmo eu fico.
Logo vem um homem de cara fechada
Quase ninguém o reconhece
Ele é mais conhecido como...
As ordens são passadas
E as regras têm que ser cumpridas
Aqui é proibido usar celular
Mas eu preciso dele em meu dia-a-dia
Vivo uma fase que nem eu mesmo acredito
Dando muito prejuízo.
Mas eu preciso deste serviço.

Tô de experiência e é minha quinta chance este mês.

Tem gente me perguntando
Willian, o que é que você fez?
O dia está só começando
E eu tinha muitas entregas pra fazer
Saí com o caminhão meio com pressa
Tentando reaver o tempo perdido
Ao me aproximar de um balão
Ouvi um grito
Uma moça correu, entrando na frente do
caminhão
Dei uma freada brusca
Os materiais caíram no chão
A moça me agradeceu e disse
Que já havia terminado sua casa
De tanto material que eu deixara cair
Quando fazia aquele balão.
Bom, já deu pra ver
Qual a minha profissão
Estou à procura de um emprego
Quem puder ajudar, agradeço
Por me ouvir e pela atenção.

Poema 5

Disposição de quem acorda cedo
Mochila nas costas, lá vou eu
Começar mais um dia de trabalho.
O patrão nem sempre reconhece o esforço
Sempre cobrando, exigindo, nada tá bom.
Se eu pudesse dizer tudo o que penso
Acho que nessa folha não caberia
Mas principalmente, diria do meu valor.
Faça chuva, faça sol, não deixo na mão
Numa sociedade cada vez mais consumista
Onde é mais importante ter do que ser
Difícilmente essas palavras mudariam a
situação.
Por isso, o importante para o trabalhador
É saber do seu valor, dentro do coração
Independente do que pensa o ingrato patrão.

Poema 6

Já fui sorveteiro, soldador, e hoje sou porteiro.
Deixei a escola cedo, igual muitos brasileiros.
Passei dificuldades,
Hoje sou guerreiro.
Mas certo dia pensei:

Por que ser rejeitado, humilhado, explorado?	Talvez ser doutor, ator.
Estava alienado.	Melhor, educador.
Ganhei uma nova oportunidade.	Sonhar faz parte.
De estudar no instituto federal.	Pra ter mais dignidade.
Estou com moral.	
Penso até um fazer faculdade.	
Mudar minha realidade.	

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCN) Ciências humanas e suas tecnologias*. Volume 3. Brasília: MEC-SEB, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf> Acesso em: 14 de abril de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)*. Brasília: MEC, 2002. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>> Acesso em: 14 de abril de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Resolução CNE/CEB nº 1, de 05 de Julho de 2000. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2013.

FRIGOTTO, G. Dermeval Saviani e a centralidade ontológica do trabalho na formação do “homem novo”, artífice da sociedade socialista. *Interface: comunicação, saúde e educação*. v.21, n. 62, p. 509-519, 2017.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 3.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.